



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

STEFFANY CERQUEIRA DE OLIVEIRA

**AS CONCEPÇÕES DA FRELIMO SOBRE A EMANCIPAÇÃO DA MULHER
MOÇAMBICANA: CONTROVÉRSIAS E IMPACTOS NA SOCIEDADE PÓS-
INDEPENDÊNCIA**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2023**

STEFFANY CERQUEIRA DE OLIVEIRA

**AS CONCEPÇÕES DA FRELIMO SOBRE A EMANCIPAÇÃO DA MULHER
MOÇAMBICANA: CONTROVÉRSIAS E IMPACTOS NA SOCIEDADE PÓS-
INDEPENDÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito avaliativo para obtenção de título de graduação no curso de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Soares de Santana

CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2023

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como proposta analisar as concepções de emancipação da Mulher Moçambicana por meio do olhar do partido Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO). O período de análise começa em 1973, com a primeira Conferência Nacional da Mulher Moçambicana, que tinha o propósito de discutir de quais formas as mulheres poderiam contribuir na luta pela liberdade e revolução, marcando também a criação da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). A Organização da Mulher Moçambicana, juntamente com a revista A Justiça Popular (1980-1989), contribuiu fundamentalmente para a educação da mulher moçambicana de acordo com os preceitos frelimistas. Partindo dessas premissas, esta pesquisa busca destacar aspectos considerados de submissão da mulher moçambicana, de acordo com a FRELIMO, e suas estratégias de libertação. Com isso, procurando analisar os deveres da mulher com relação à família moçambicana, os elementos de convicções tradicionais, como a poligamia e o lobolo, na tentativa de construir, através desses pontos, qual seria o “inimigo” da mulher moçambicana partindo das concepções frelimistas.

Palavras-chave: Organização da Mulher Moçambicana; Emancipação; A Justiça Popular.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the concepts of emancipation of Mozambican women through the lens of the Mozambique Liberation Front (FRELIMO). The analysis period begins in 1973, with the first National Conference of Mozambican Women, which aimed to discuss how women could contribute to the struggle for freedom and revolution, also marking the creation of the Organization of Mozambican Women (OMM). The Organization of Mozambican Women, along with the magazine *A Justiça Popular* (1980-1989), significantly contributed to the education of Mozambican women in accordance with FRELIMO's principles. Based on these premises, this research seeks to highlight aspects considered as submission of Mozambican women according to FRELIMO and its liberation strategies. It aims to analyze the duties of women concerning the Mozambican family, the elements of traditional convictions such as polygamy and lobolo, in an attempt to identify through these points what would be the "enemy" of Mozambican women based on FRELIMO's concepts.

Keywords: Organization of Mozambican Women; Emancipation; *A Justiça Popular*.

INTRODUÇÃO

Moçambique é um país do continente africano que fica situado na costa oriental da África Austral, fazendo divisa com o Norte com a Tanzânia, banhado pelo Oceano Índico. Após anos de luta por liberdade, Moçambique tornou-se independente de Portugal em 25 de junho de 1975, através da formação da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO).

Não é foco desta monografia aprofundar nos anos de guerra colonial, entretanto, é inerente situar parte do que ocorreu nesse período. Após a Segunda Guerra Mundial, muitas colônias do continente africano estavam envolvidas pela onda do nacionalismo, e, durante a Guerra Fria, as lutas por libertação colonial se intensificaram e se expandiram em uma construção do pensamento de libertação nacional.

Em Moçambique, esses aspectos não ficaram de fora, os primeiros sinais de preocupações do governo português se expandiram já em 1956, mesmo ano que a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) passou a ser abrangente para as colônias. Segundo a tese “Moçambique: identidades, colonialismo e libertação”, de José Luís de Oliveira Cabaço, em 1950, Portugal já estava se preparando para uma possível guerra contra as suas colônias.

Nos primeiros anos de guerra civil colonial moçambicana, não se possuía uma luta armada. O antropólogo José Luís Cabaço cita, em sua tese, que nesse momento era uma guerra considerada subversiva, onde os governantes portugueses planejavam resolver os problemas dos pensamentos de libertação com o que seria “a conquista da população”. Portanto, naquele momento, o governo buscava uma estratégia psicológica, por exemplo, procuravam a simpatia da população, orquestravam planos para desmoralizar os guerrilheiros e, assim, a população moçambicana não lhe daria abrigo ou algum tipo de ajuda durante as tomadas de terras pelos guerrilheiros.

Além da estratégia psicológica, a guerra civil também era tratada com a concepção elaborada pelo exterior, ou seja, que não era uma construção do pensamento de libertação tida pelos próprios moçambicanos. De acordo com esse modelo de estratégia, tais concepções eram formuladas pelos países do bloco comunista; segundo José Luís Cabaço, esses pensamentos alimentavam duas ideias:

A primeira de cunho colonial-racista, como se os africanos não fossem capazes de elaborar e conduzir uma guerra contra os portugueses e não conseguiram vencer, e a segunda era voltada ao misticismo, do qual Portugal era um pequeno império, sendo o David em luta contra o mundo sendo o Goliás (Cabaço, 2009, p. 348).

Após a criação da FRELIMO, que segundo a história oficial do partido foi no dia 25 de junho de 1962, em Dar es Salaam, cidade que fica situada no leste da Tanzânia, onde se formou a Frente de Libertação de Moçambique, foi feito um acordo entre dois grandes movimentos de libertação que existiam anteriormente. Por anos, a FRELIMO foi considerada a maior organização dentro de Moçambique, estabelecendo uma ideologia marxista-leninista de partido único, definindo suas relações de apoio com países que também se intitulavam marxistas, como China, União Soviética e até mesmo a Social Democrata Alemã, entre outros.

No artigo “A luta armada em Moçambique e a construção de uma nação”, dos autores Samuel Correa e César Sagrillo, destaca-se que a luta pela libertação passou a ser construída no sentido de luta armada em 1964, quando ainda havia mais soldados portugueses do que moçambicanos. Os pilotos de combate moçambicanos eram treinados pelo Samora Machel na Argélia, eles obtinham uma estratégia de recuo para Tanzânia onde a área já era dominada pelos próprios guerrilheiros. Outra estratégia era o conhecimento do local e o uso da natividade; enquanto isso, o governo de Salazar continuava a negar a guerra por libertação, apenas colocando como um processo simples de restabelecimento de ordem. Essa forma estratégica usada pelo governo português acabou sendo de bom modo para a FRELIMO, pois usavam o tempo a seu favor. A cada parte conquistada, o partido ia adquirindo afeição da população, fazendo, dessa forma, um intenso trabalho político e organização de massas.

Esse processo de movimento de expansão nacional da FRELIMO implicou na tentativa de silenciamento dos grupos minoritários existentes na colônia, esse processo se intensificou ainda mais com o assassinato do, até aquele momento, presidente do partido, Eduardo Mondlane¹, onde o governo português acreditava que conseguiria uma vitória efetiva sob a guerrilha. Todavia, o que aconteceu foi a ascensão de Samora Machel e também dos conflitos internos entre o partido, que, de acordo com Samuel Correa e César Sagrillo, acabaram fazendo surgir duas linhas dentro do partido, uma de cunho revolucionário socialista com Samora Machel, da qual iremos apresentar mais abaixo; e outra de modelo capitalistas. Sendo assim, a linha revolucionária socialista foi ganhando mais espaço, entretanto, não deixaram de acontecer atritos internos na FRELIMO.

A independência de Moçambique, conforme os autores Samuel Correa e César Sagrillo, foi cravada com o acontecimento da Revolução dos Cravos em Portugal, esse

¹ Eduardo Mondlane (1920–1969) foi um dos mais importantes líderes políticos e intelectuais de Moçambique, conhecido por sua luta pela independência do país e por seu papel fundamental na fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

momento foi um alicerce seguro e dinamizador para iniciar a transição da emancipação da colônia.

Destacando o aspecto da história oficial da FRELIMO e contrapondo uma análise do historiador francês Michel Cahen, em seu texto *“Moçambique: o fim da história única”*, no qual o autor questionou a história oficial narrada pelo partido político, expondo uma versão oposta ao que era propagado pela Frente. Michel Cahen propôs uma apuração da história de surgimento do partido, buscando a tentativa de lapidar o que o autor ver como “história única”. De acordo com o autor: “a Frelimo pode continuar a ganhar todas as eleições, mas haverá cada vez menos história única” (Cahen, 1995, p. 351).

Cahen (1995) sugere que a FRELIMO foi construída a partir da união de dois grandes grupos: i) a MANU (Makonde/Mozambique African National Union) e ii) a UDENAMO (União democrática nacional de Moçambique), transformando-se na “Frente de libertação de Moçambique”. Esse destaque do autor é importante para compreendermos que, no início da formação do partido, já existiam duas vertentes, que expressavam em comum a liberdade de Moçambique, porém, consistiam em ideias e opiniões diversificadas.

Entretanto, após o assassinato de Eduardo Mondlane, desponta a ascensão de Samora Moisés Machel, com isso a FRELIMO sucedeu grandes mudanças, uma delas sendo a centralização da ideologia propagada por Samora Mache. Esta sendo voltada para a vertente do socialismo revolucionário, onde buscavam a tentativa de homogeneização da sociedade moçambicana, que conforme explica Michel Cahen, e ao longo dessa monografia, podemos considerá-la como errônea.

Além disso, Cahen contestou a base política da Frente, que se intitulava marxista-leninista. Segundo o autor, foi adotado um funcionamento de normas e decisões que era exclusivo da parte interna da Frente, sendo exatamente ao contrário dos princípios leninistas que pregava o “centralismo democrático” para as atividades do partido em direção exterior e aceitava as tendências e frações internas. Cahen especificou que, na verdade, a FRELIMO usava a ideologia do marxismo-leninista para fins próprios, como ideia central de ser o único partido que libertaria Moçambique. Portanto, a pregação de “marxismo” é um discurso imaginário que o próprio autor conclui, ressaltando que esse “marxismo” era o resultado da FRELIMO nunca ter se tornado um partido comunista.

Esta monografia pretende tratar das concepções gerais da FRELIMO sobre a emancipação da mulher moçambicana no pós-guerra de independência, através da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e da divulgação das ideias do partido a partir da revista A Justiça Popular.

É importante salientar que as questões da mulher começaram a ser pautadas com a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO), criada juntamente com o partido da FRELIMO. Segundo a historiadora Júlia Tainá Monticeli Rocha, houve um apagamento da LIFEMO da História oficial da Frente, numa tentativa de desconsiderar os feitos das mulheres na Liga. Rocha afirma que, “após 1968, Samora Machel foi reconhecido como o fundador de um projeto de autoria feminina e construiu o mito de Josina Machel como símbolo da mulher emancipada” (2023, p. 23).

Rocha, em sua tese de doutorado intitulada *Guerra, substantivo feminino: o movimento internacional das mulheres da Frente de Libertação de Moçambique*, expõe uma vasta quantidade de fontes e bibliografias que mostravam a agenda das mulheres da LIFEMO, encontros internacionais, verdadeiras lutas em favor da libertação de Moçambique e da mulher. Entretanto, após a morte de Eduardo Mondlane, a Frente passa por diversos problemas internos, sendo que o vice-líder do partido Uria Simango deveria ter assumido o lugar de Mondlane, porém foi constituída uma votação interna onde Samora Machel assumiu a liderança do partido.

Samora buscou constituir uma reformulação das ideais frelimistas como líder, promovendo o afastamento das principais dirigentes da LIFEMO, como a Celina Simango e seu marido Uria Simango, que foram mandados para campos de reeducação² tidos como traidores da Revolução. Sendo assim, tínhamos o início do que se formulava como uma tentativa de destruição e apagamento das mulheres da LIFEMO, para criar outra organização de mulheres, o Destacamento Feminino (DF).³

Após os acontecimentos citados, em 1970, Samora Moisés Machel passou a ser o presidente da FRELIMO, onde produziu uma revolução dentro do partido. A luta contra o colonialismo se organizava de forma militarizada. Samora Machel era um homem influenciado pelas ideias de Frantz Fanon, “a violência do colonialismo só se resolve com violência” (A África de Fanon: atualidade de um pensamento libertário - 2016). Além do mais, existia uma concepção de “descolonização”, e essa começaria a partir das mulheres. Veremos mais adiante que esse propósito obtinha diversos paradoxos. Como já citamos, a FRELIMO buscava apagar a história das mulheres na LIFEMO, e também podemos observar que houve uma tentativa de silenciamento do protagonismo das mulheres tanto no DF quanto

² Foram criados pelo governo moçambicano pós-independência, especialmente durante os primeiros anos após 1975, com o objetivo de "reeducar" e reintegrar pessoas que eram vistas como "contrarrevolucionárias", "inimigos do povo" ou até mesmo suspeitas de colaboração com a oposição.

³ Foi criada com o objetivo de mobilizar e organizar as mulheres moçambicanas na luta pela independência do país e pela construção de uma sociedade pós-colonial mais justa e igualitária.

na OMM. Afinal, em seus discursos, conseguimos analisar como Samora Machel se pontuava como o grande líder do DF no período de luta armada e depois articulador na construção da OMM.

As concepções ideológicas da FRELIMO mudaram para uma guerra de libertação promovida pela força. As orientações do partido foram refeitas junto com a organização das mulheres, o Destacamento Feminino também tinha o objetivo de militarização. Com a mudança de posicionamento das mulheres durante a luta armada, Samora argumentava que a LIFEMO não representava a FRELIMO, pois não iam de acordo com as novas concepções, por isso a importância da criação do DF. Entretanto, podemos analisar um aspecto fundamental em relação a essa “não representação”, isso porque a LIFEMO já possuía o protagonismo das mulheres que estavam à frente do movimento, e com a construção do DF.

Samora propunha se colocar como o fundador do movimento de mulheres em Moçambique, dessa forma, foi observado em seus discursos a tentativa de exposição de lideranças do projeto das mulheres, silenciando as mulheres que já lutavam pelo seu com LIFEMO e também as que estavam à frente dos combates nas guerrilhas com o DF. Além dos seus discursos onde ficou especificamente visível suas intenções de articulação, podemos observar essa constatação nos estudos de mestrado de Julia Taina Monticeli Rocha.

Também podemos analisar, mediante a tese de doutorado de Rocha, que o DF continuou com a agenda que antes era prestada pela LIFEMO. Além disso, havia um nível elevado de descontentamento de muitas das mulheres que participavam da organização, relatando machismo produzido pelos líderes e camaradas do partido. As principais dirigentes do DF não relatavam esses problemas nas conferências internacionais, pelo contrário, a dirigente Deolinda Guzimane, nos documentos da OMM, falava sobre a importância da organização e do partido como um condutor fundamental: “A LIFEMO se torna ultrapassada na medida que a luta passa a ser uma luta por revolução. O partido e a OMM junto com a FRELIMO têm como objetivo se estruturar em nível nacional para retirar a herança mental do colonialismo” (Revista Tempo, 1976, p. 42). Além de citar a força da mulher militarizada, omitindo problemas da falta de participação das mulheres nas decisões internas do partido, contrariedades essas que poderemos observar mais profundamente ao longo desta monografia.

Uma figura que está sempre relacionada à emancipação da mulher moçambicana revolucionária ideal para os preceitos da FRELIMO foi Josina Machel, que também era integrante do DF, casada com Samora Machel. Após sua morte, tornou-se símbolo de emancipação feminina. O dia de aniversário da sua morte é considerado o dia da Mulher Moçambicana, 7 de abril. Esse símbolo de Josina como um mito criado pela FRELIMO

propunha a ideia de mulher militarizada, que morreu pela nação, aumentando ainda mais a construção de nacionalismo dentro do país a partir da ajuda da organização das massas, sendo que até os dias atuais não foi revelado totalmente como de fato Josina Machel faleceu. Mas de acordo com a História oficial da Frente, nos documentos da OMM e na revista A Justiça Popular, havia uma tentativa de expressar que sua morte foi a favor da nação.

Além do mais, os documentos da OMM, assim como os discursos de Samora Machel, produziam a imagem de Josina como o exemplo do que poderia ser a “mulher nova” idealizada por Samora, aquela que estaria ao lado do seu marido e filhos, mas que também ajudaria a organização do país. Afinal, a ideia que podemos analisar foi de que Josina Machel, segundo a FRELIMO, foi uma mulher emancipada por causa do partido. Esse discurso foi tão fundamental e enraizado, que, no dia 7 abril (não consta o ano), algumas mulheres foram entrevistadas pela revista Tempo, onde as mesmas citavam os problemas que ainda persistiam na sociedade, a exemplo de serem mães solteiras, e diziam lembrar da Josina neste dia. Ao lermos isso, conseguimos entender a imagem de Josina como uma mãe, e não um indivíduo do gênero feminino que lutou pelo seu país.

Comemoração do dia 7 de abril, o dia da mulher moçambicana, do qual a entrevistada diz lembrar em memória da Josina Machel que lutou por liberdade. Em resposta à revista, a senhora diz que seu grande problema como mulher, mãe de 5 filhos e solteira é o fato de não ser casada (Revista tempo, 1976, s/p).

Mesmo tendo sido dito que a Josina lutou por liberdade, logo após a entrevistada relaciona seu problema como mulher ao fato de ser mãe solteira. Essa criação que foi idealizada da imagem de Josina Machel se expressa bastante nas fontes que vamos analisar através desta monografia, como a mesma foi e continua sendo reverenciada pelo partido de forma mítica e nos discursos de Samora Machel.

Em documentos da OMM e em dois exemplares da revista A Justiça Popular, era exposto o nome da Josina quando queriam enfatizar como a mulher moçambicana deveria se comportar nessa nova sociedade. Conseguimos ter essa análise também mediante a leitura da primeira parte do Hino da Mulher Moçambicana⁴, onde conseguimos observar como a FRELIMO expressava a ideia de mulher associada ao que seria a imagem de Josina Machel:

Cantemos com alegria o 7 de abril
O dia consagrado à Mulher Moçambicana
Companheira inseparável do homem engajado
Na luta contra a velha sociedade exploradora

⁴ (1962) (Mozambique.history.net) - <https://www.mozambiquehistory.net/> - 15/05/2023

Quem é?

Aquela que mobiliza e organiza o nosso Povo

Quem é?

Aquela que produz e alimenta os combatentes

É a Mulher Moçambicana Emancipada

Que destrói as forças da opressão

Essa seria a mulher que Josina Machel teria sido e que todas as moçambicanas deveriam seguir, “a companheira inseparável do seu homem engajado”, mais uma vez, exaltando o protagonismo do homem, como o engajado na luta política, e a mulher, num segundo momento, tendo o único papel de “companheira”, sendo aquela que “organiza seu povo e alimenta os combatentes”. Logo, silenciando o papel das guerrilheiras e o da própria Josina, que precisou atravessar uma zona ocupada até chegar no instituto Mondlane e ingressar no DF, tornando-se um mito criado pela Frente. Josina passou a ser a mulher emancipada não por si, mas pela FRELIMO, ou seja, para qualquer mulher que quisesse conseguir sua emancipação, bastava estar de acordo com as concepções redigidas pela Frente.

Dois anos antes da data oficial de libertação de Moçambique, “em 1973, as mulheres da FRELIMO passaram a se concentrar na reconstrução da organização da OMM” (Rocha, 2023, p. 151). É interessante notarmos que as mulheres do DF já buscavam articulações para a construção da OMM, entretanto, foi descrito no discurso da Primeira Conferência da Mulher Moçambicana (1973), que foi conduzido pelo líder revolucionário Samora Machel, o nascimento da OMM, como a organização da mulher moçambicana tendo sido construído por Machel. Neste mesmo discurso, foram citadas as necessidades para a criação da organização e também seus objetivos, “a libertação política, cultural e social contra o obscurantismo”, e para que isso pudesse ocorrer, era de fundamental importância que o objetivo central das mulheres na OMM fosse a educação de todas as moçambicanas.

Para Samora Machel, a liberdade de todo o povo moçambicano, precisa da participação da mulher moçambicana, mas qual era essa mulher? A partir das fontes que utilizamos, conseguimos perceber que essa mulher ideal era aquela que seguia as concepções idealizadas pela Frente, que fosse como a criação do mito de Josina Machel, silenciando toda a diversidade de interpretações das mulheres em torno do território moçambicano.

A OMM tinha como objetivo ajudar nessa educação política da “mulher nova”, tecendo profundas críticas às condições das mulheres nos períodos colonialistas e tradicional, expressavam o complexo de inferioridade das mulheres que, segundo Samora Machel, era algo constituído na educação tradicional junto com o regime colonial. Desse modo, percebe-

se que a organização da Mulher Moçambicana foi desenvolvida com o propósito de levar os aspectos e perspectivas da FRELIMO para as mulheres moçambicanas.

No caso da revista *A Justiça Popular*, esta fora criada pelo próprio partido de 1980-1989, tendo sido publicados nela apenas treze exemplares, alguns após a morte de Samora Machel, circulando cinco anos após a conquista da liberdade moçambicana. O objetivo central da revista era mais abrangente, a revista servia de porta voz para o que acontecia no país, principalmente na Região Sul, na capital Maputo, tendo como objetivo a divulgação das concepções frelimistas, com tribunais para as resoluções dos problemas. A *Tribuna Popular Distrital*⁵ se tratava de uma espécie de júri onde a população manifestava seus problemas em comunidade, principalmente os familiares. Porém, nesta monografia, iremos dar ênfase aqueles relacionado às mulheres, como o divórcio, poligamia, lobolo e o Código da Família. Através desta revista, podemos analisar alguns discursos da FRELIMO em relação às mulheres, em como deveriam se comportar como revolucionárias e mulheres “novas”.

Há uma discussão pertinente nos documentos da FRELIMO quando se tratava de argumentar sobre o machismo no sistema tradicional pré-colonial, esse debate não é nosso foco, entretanto, vale salientar alguns elementos. Tanto nos discursos de Samora quanto nos exemplares da *Justiça Popular*, a Frente ressaltava que a mulher já sofria com a desigualdade de direitos em Moçambique antes da colonização portuguesa, aspectos que os mesmos chamavam de tradicionais, como a poligamia e o lobolo. O lobolo foi uma prática, de maior concentração no Sul de Moçambique, que envolvia dar bens à família da noiva, realizando uma união de reconhecimento. Após a colonização no âmbito Ocidental, houve uma tentativa de desvalorização desses costumes e, com a independência, esse fator não mudara, visto que na perspectiva da FRELIMO, os costumes tradicionais eram retrocesso para a sociedade e, principalmente, para as mulheres.

A autora nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí, no livro *A invenção das Mulheres* (1997), argumenta que na sociedade Iorubá e que possivelmente nas outras sociedades africanas, as relações de gênero não eram discutidas antes da colonização ocidental. A hierarquização não era através do corpo, não tendo uma divisão sexual, mas que acontecia de forma senhorial, ou seja, a hierarquização era feita através da idade.

Na sociedade Iorubá pré-colonial, o tipo de corpo não era base da hierarquia social: machos e fêmeas não eram estratificados de acordo com distinção anatômica. A ordem social exigia um tipo diferente de mapa, e não um mapa de gênero que supõe a biologia como base para a classificação social (Oyèwùmí, 1997, p. 19).

⁵ “O tribunal tem que ser o principal autor no que desrespeito a família.” Primeiro exemplar da revista *A Justiça Popular* (1980).

Dessa maneira, deve ser questionada a visão do feminismo ocidental que cria a imposição da hierarquização das sociedades africanas através do patriarcado. Conforme Oyèrónkẹ, “a senioridade, ao contrário do gênero, é compreensível apenas como parte dos relacionamentos. Assim, não é rigidamente fixada no corpo, nem dicotomizada” (Oyèwùmí, 1997, p. 83).

Contudo, as concepções da FRELIMO sobre os costumes tradicionais serem tidos como patriarcais também foram fruto da colonização ocidental. Essas percepções serão bastante visíveis quando destrincharmos as análises dos discursos do líder Samora Machel e os exemplares da Justiça Popular.

Escolhemos analisar o tema da emancipação da mulher moçambicana através dos documentos da OMM e A Justiça Popular por considerarmos importante expor as contradições expostas pela FRELIMO em relação à ideia de liberdade, direitos femininos e a família tradicional. É notável que a ideia de emancipação idealizada pelo líder Samora Machel apenas aconteceria se essas mulheres seguissem a linha de pensamento exteriorizada pelo mesmo, que foi manifestada através dos documentos que iremos discorrer nesta pesquisa.

Na revista A Justiça Popular, emergiram diversas posições em relação às questões de gênero com um intuito de homogeneização das mulheres moçambicanas, que tentavam englobá-las em uma única idealização e desvalorizavam os costumes tradicionais, além de que o partido se mostrava intolerante com as convicções que fossem contrárias às suas.

O propósito central desta monografia é compreender quais eram as visões e concepções do partido da FRELIMO em relação à emancipação da mulher moçambicana de acordo com os documentos da OMM e da revista A Justiça Popular. Essas duas já citadas são as principais fontes deste trabalho, e podem ser encontradas na internet⁶.

O primeiro capítulo desta pesquisa tem como objetivo analisar as problemáticas consideradas de submissão da mulher moçambicana e suas estratégias de libertação. Tendo como tópico “A libertação da mulher moçambicana de acordo com os preceitos da FRELIMO”, utilizando algumas referências bibliográficas e as fontes principais que são os documentos da OMM e os discursos de Samora Machel. Neste capítulo, tentaremos responder quais eram as questões referentes à emancipação da mulher moçambicana e qual era linha de entendimento a partir dos questionamentos: quais os principais problemas da mulher

⁶ A exemplo do texto de Colin Darch, intitulado: “Bem-vindo à história de Moçambique”. 2010. Disponível em: <www.mozambiquehistory.net>.

moçambicana segundo Samora Machel? E quais as estratégias de combate para a emancipação? Essas três problemáticas estarão divididas em subtópicos.

No segundo e último capítulo, “A visão da FRELIMO sobre o Código da Família e as concepções tradicionalistas através da revista A Justiça Popular e os documentos da OMM”, analisarei quais eram os deveres da mulher em relação à família moçambicana, poligamia, lobolo e as convicções tradicionalistas. Para tanto, partindo de alguns questionamentos como: quais os deveres da mulher moçambicana em relação à família? Como eram abordados os casos de divórcios, lobolo e poligamia na revista A Justiça Popular? E de acordo com o partido, qual era o grande inimigo da mulher moçambicana? Buscarei responder através da revista A Justiça Popular e dos documentos da OMM.

A análise desta monografia trata-se de uma percepção intensa das fontes já citadas, foram construídos bancos de dados sobre cada documentação com extensas informações, depois uma seleção de quais eram mais necessários para organização e construção da pesquisa. Além de uma excessiva quantidade de bibliografias que foram analisadas minuciosamente com leituras e fichamento para seleção do que seria fundamental no desenvolvimento da pesquisa.

Os questionamentos que serão apresentados e desenvolvidos ao longo desta monografia, com a necessidade de uma delimitação do marco temporal, serão respondidos em seus respectivos capítulos, mas também deixando espaço para possíveis outros estudos.

1 LIBERDADE DA MULHER MOÇAMBICANA DE ACORDO COM OS PRECEITOS FRELIMISTAS

Neste primeiro capítulo, propomos uma análise dos problemas que foram considerados das mulheres moçambicanas a partir das convicções que a FRELIMO disseminava, além das estratégias de libertação utilizadas pela Organização da Mulher Moçambicana (OMM). A estrutura deste capítulo conta com três subtópicos para tentarmos buscar algumas respostas aos questionamentos que foram destacados no final da introdução.

Em se partindo do contexto em que pretendemos analisar, com a criação da FRELIMO, a mudança que ocorreu para a nova fase com o presidente Samora Machel interrompeu as ações que haviam sido propostas pela LIFEMO, para dar início a uma militarização com as mulheres, criando o Destacamento Feminino (DF). Entretanto, após 1973, a FRELIMO põe um fim no DF e cria a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), com o objetivo de “educar” as mulheres politicamente com as concepções que eram adequadas à Frente, para que essas se tornassem emancipadas na visão ideal da FRELIMO.

A LIFEMO teve sua criação no mesmo período da FRELIMO, mas não obtinham as mesmas perspectivas que o partido, após a liderança de Samora, intensificaram-se os argumentos com a finalidade de excluir a História da LIFEMO dentro da história oficial da FRELIMO. Segundo Samora Machel, em seu discurso *A libertação da mulher é uma necessidade da revolução*⁷, “após a criação da LIFEMO elas elegeram uma direção ignorante da luta e do país, e fixaram-se algumas tarefas, fora das perspectivas reais da luta, e poucos meses após a conferência da LIFEMO da sua direção só restavam nomes” (1973). Considerando a fala de Samora acima, na sua visão, a FRELIMO, no período da criação da LIFEMO, não tinha estruturas fundamentalmente sólidas das suas ideologias para organizar a luta por libertação com a emancipação feminina.

Investigando um pouco mais esse discurso, há uma explicação do novo modelo de militarização da Frente e a criação da OMM. Nesse período, a importância da emancipação feminina já estava ligada com a sociedade revolucionária projetada pela FRELIMO. Assim, foram expostos quais seriam os objetivos centrais da OMM: “[...] ensinar as novas gerações que não passaram pela luta armada, compreender as opressões contra a mulher e estarem armados contra o colonialismo” (Revista Tempo, 1973, s/p⁸). A OMM tinha o dever de educar as mulheres a compreender quem era o seu “inimigo”, elaborar programas de estratégias para

⁷ www.mozambiquehistory.net

⁸ O arquivo textual estava danificado, o que justifica a ausência de indicação de página em algumas citações retiradas do mesmo.

maior número de mulheres na produção do trabalho social, mobilização para estudos científicos e alfabetização

Ao analisarmos mais profundamente neste capítulo as concepções frelimistas juntamente com a OMM, veremos que seus aspectos de combate eram fundamentalmente contraditórios, com uma idealização de homogeneidade da população do país, sobretudo as mulheres. Um discurso que pregava ser diferente do seu inimigo, o colonizador, mas que também era carregado de parâmetros ocidentais, que ficarão mais específicos no decorrer deste trabalho de conclusão de curso.

1.1 PERSPECTIVAS DA EMANCIPAÇÃO

A palavra libertação ou emancipação da mulher moçambicana foi muito recorrente nos documentos da OMM e nos discursos do seu representante, Samora Machel. Ao analisarmos essa narrativa frequente da FRELIMO, vemos que existia uma linha de entendimento do que deveria ser uma mulher emancipada dentro da Frente juntamente com a OMM.

Nos documentos da OMM, foram destacadas diversas lições que as mulheres moçambicanas deveriam tomar como suas para dar conta da “mulher nova” idealizada pela FRELIMO. Na carta de criação da OMM, localizada na Revista Tempo, foram pontuadas algumas perspectivas para que a mulher moçambicana fosse emancipada; “o desejo de organização das mulheres, a percepção dos fracassos da LIFEMO e a necessidade do nacionalismo” (Revista Tempo, 1976, p. 60). No início da conjuntura organizacional da OMM, o primeiro discurso de Samora Machel, “*A libertação da mulher é uma necessidade da revolução*”, de 1973, foram expressados os motivos pelos quais ocorreu o rompimento com a LIFEMO. Segundo Samora Machel, houve uma desvalorização das lutas, fator que foi profundamente rebatido na tese de doutorado de Julia Taina Monticeli Rocha, onde a mesma expõe um pouco da agenda de luta das mulheres da LIFEMO.

Após a reformulação das ideias frelimistas, as concepções sobre o que as mulheres deveriam fazer em combate também mudaram, seguindo esse pressuposto, para o líder Samora, as percepções que eram disseminadas na LIFEMO não serviam mais para FRELIMO, pois estavam em uma nova fase. De acordo com seu discurso “*A libertação da mulher é uma necessidade da revolução*” (1973), para as mulheres serem emancipadas, deveriam compreender os fracassos do passado. Entre eles foi colocada a história de luta da LIFEMO, que, de acordo com a FRELIMO, tinha uma organização autônoma mesmo tendo sido criada juntamente com o partido, ou seja, as decisões não estava nas posses da Frente, e

isso era especificamente visto como um problema. Além do fato da LIFEMO não ter sido criada verdadeiramente em Moçambique, a FRELIMO usava desse aspecto para questionar o fator de nacionalismo, que nesse período era um ponto extremamente importante para a libertação colonial, partindo dessa premissa que centralizava as concepções frelimistas, a LIFEMO não tinha e não supria as necessidades da luta moçambicana.

Percebemos que a OMM surgiu da necessidade de completar as ideias que eram necessárias para a FRELIMO sem que os líderes principais pudessem questionar as decisões que seriam tomadas pelo partido. Entretanto, para abraçar as ideias de concepções emancipatórias da FRELIMO, as mulheres precisariam estar de acordo as convicções frelimistas e transmiti-las para todas as mulheres moçambicanas, sendo assim, a emancipação da mulher moçambicana dependia unicamente do partido e seguimento dos seus ideais de sociedade revolucionária.

É interessante citar a linha política da FRELIMO para compreender quais eram as questões referentes à emancipação da mulher moçambicana. Não cabe a essa monografia analisar profundamente a ideologia do Partido, mas observar esta linha de pensamento serve para questionar a forma com a qual eram propostas as contribuições femininas.

De acordo com Michel Cahen, a FRELIMO tinha concepções marxista-leninistas, partido desse ponto, o partido não tinha o interesse de apenas libertar Moçambique do colonialismo, mas também tornar a nova sociedade independentemente revolucionária. Estes sinais estavam presentes nos discursos de Samora Machel e nos documentos da OMM. A convicção de “homem novo” e “mulher nova” partiria desse novo tipo de sociedade que a FRELIMO tinha a intenção de construir.

Nos documentos da LIFEMO, utilizados para a tese da historiadora Julia Monticeli Rocha, foram esboçados que antes dos países capitalistas convocarem as mulheres para congressos e questionarem debates sobre gênero, estes feitos já haviam sido produzidos pelos países socialistas. A FRELIMO agrupava essa marca de mulheres moçambicanas socialistas lutando pela independência da sua nação e também a sua emancipação. Mas como era vista a concepção de emancipação feminina moçambicana?

Em uma entrevista localizada na Revista Tempo nos documentos da OMM, com Deolinda Guezimane, secretária geral da OMM e ex-combatente do DF, de nome “*Fazer do lar explorado uma célula de combate revolucionário*”, na data de 7 de abril (não consta o ano), mesmo dia de representação da Mulher Moçambicana, foi exposto o que seria a ideia de emancipação feminina a partir das concepções da OMM e sua junção com FRELIMO. O primeiro ponto destacado por Deolinda foi que a LIFEMO já estava ultrapassada para as

necessidades de Moçambique, pois naquele momento de libertação se falava em revolução e a LIFEMO, segundo a mesma, não tinha essa posição. O partido e a OMM tinham como objetivo se estruturar a nível nacional para retirar a herança que, para estes, seria mental, principalmente com as mulheres que obtinham um complexo de inferioridade do regime tradicionalista que se agravou no colonialismo.

Além disso, Deolinda descreve que a necessidade de emancipação vinha dos longos anos de exploração sofridos pelas mulheres no colonialismo, mas que se endurecia ainda mais com os ritos da sociedade tradicionalista como, por exemplo, a poligamia. Este discurso da OMM era uma disseminação das falas propagadas por Samora Machel, diante disso, podemos analisar que, externamente, a organização seguia fortemente as ideias defendidas por Samora Machel.

A forma em que as duas organizações discursavam sobre a poligamia se tornou um grande paradoxo, pois ao mesmo tempo que estavam idealizando uma nova sociedade livre de todas as armas ocidentais, estavam tentando enquadrar todas as etnias moçambicanas em um único tipo de pensamento. Nesta configuração, assim como a ocidental, a poligamia era vista como um meio de opressão para as mulheres. Dessa forma, todas as concepções de mundo do sistema tradicional eram desvalorizadas pela FRELIMO e, geralmente, associadas às mulheres, sendo jogadas para as mesmas as condições de ignorantes que precisavam ser reeducadas.

No discurso do Samora Machel *“Definir o inimigo da mulher”* (1976), o líder do partido afirmava que os inimigos da mulher moçambicana eram o tribalismo e o conservadorismos existentes nas sociedades tradicionais antes da colonização, que seria muito mais frequente na mente da mulher moçambicana, isso em vista do “desenvolvimento ou não do nível maior de consciência do homem em relação a mulher”. (MACHEL, 1976). Com isso, a OMM tinha o dever de passar a educação/consciência para a mulher moçambicana, tratando da sua reeducação.

Ao citar sobre a mulher emancipada, nos documentos da OMM, *“Fazer do lar explorado uma célula de combate revolucionário”* (S/A), Deolinda explica que, tanto nos períodos coloniais como no sistema tradicionalista, “a mulher é comprada como um escravo, sendo uma trabalhadora gratuita, e servindo unicamente para a procriação”, ou seja, não existia uma diferença, nos dois tipos de sistemas as mulheres seriam oprimidas, por isso necessitavam de uma revolução. Seguindo com a fala de Deolinda, “para garantir a continuidade da revolução precisaria existir a emancipação feminina. A mulher é a principal responsável pela educação das próximas gerações como mãe”.

Ao analisarmos essas falas citadas, observamos que as concepções da OMM em relação ao porquê da necessidade de emancipação são contraditórias. No primeiro momento, o sistema tradicional e colonial via as mulheres como reprodutoras, mas no mesmo discurso da Frente com a OMM, as mulheres eram aquelas responsáveis pela revolução, por exercerem o papel de mães e serem responsáveis por educar as próximas gerações. Essa questão foi discutida mais intensamente no livro *Paz na terra e guerra em casa*, da socióloga moçambicana Isabel Casemiro, que expressa as muitas divergências da luta das mulheres moçambicanas ao lado da FRELIMO.

Em seu livro, Casemiro relatou sobre as diferenças do discurso oficial da Frente para a realidade que as mulheres enfrentavam. No primeiro, havia uma disseminação de que as mulheres deveriam participar ativamente das ordens políticas, mas poucas chegavam a ocupar lugares de poder nas estruturas do partido. Antes da independência, falavam de empoderamento e igualdade de gênero, mas houve pouco apoio para as mulheres no pós-independência. A formação política era mais intensificada para os homens, ou seja, dentro do partido havia uma presente visão patriarcal onde os homens dominavam os lugares de poder.

Em alguns inquéritos da OMM para celebração do dia 7 de abril como o “*Na luta da mulher operária*” (S/A), foram divulgadas algumas opiniões de mulheres que não eram da linha de frente da organização, mas que participavam de algumas reuniões. Dentre elas, uma senhora, mãe, solteira, cujo nome não foi divulgado, disse, “que seu grande problema como mulher, mãe de 5 filhos e solteira, é o fato de não ser casada”, logo depois a OMM explica que “A mulher deveria viver com o homem, assim como o homem deveria viver com a mulher e a OMM teria como função acabar com o modo de vida vergonhoso das mulheres que ainda praticam a prostituição”.

O aspecto de ser mães solteiras era um grande problema para a emancipação, pois muitas mães solteiras recorriam à prostituição. Ana Maria disse:

Nós, as mulheres no regime colonial, éramos desrespeitadas porque haviam muitas que bebiam demais, praticavam a prostituição, andavam de noite, de vestidos curtos, todas pintadas de modo indecente. Hoje, noto que estes vícios todos que a mulher praticava estão acabando aos poucos. Estou pessoalmente muito satisfeita.

Ao analisarmos essa fala de Ana Maria, podemos ver como o discurso da FRELIMO estava criando raízes no seio das mulheres moçambicanas, como, por exemplo, Ana Maria fala sobre como, no período colonial, algumas mulheres não tiveram um comportamento “aceitável”, julgando aspectos que muitas vezes eram feitos por razões de sobrevivência no regime colonial. Quando Ana Maria disse que estava “satisfeita” com a forma em que a

organização e o partido apresentavam as mudanças nas atitudes das mulheres, ficou subentendido a noção conservadora e de progresso da entrevistada, assim como a do próprio partido, para ela, as mulheres estavam se ajustando às normas fremelistas e isso era aceitável.

A OMM tinha como dever transmitir educação para as mulheres que praticavam essas condições, entretanto, não foi exposto nenhum tipo de solução para o fator principal que levava essas mulheres a se prostituir, como, por exemplo, a falta de opções para o seu sustento e de seus filhos. Recaiam sob as costas da mulher moçambicana o peso da prática ilegal de prostituição, como se o único problema fosse não terem um casamento, dessa forma, com a visão frelimistas, essas mulheres não estavam amparadas.

No livro “*A mulher moçambicana no processo de libertação*”, de 1980, Barbara Isaacmam e JuneStefhan explicam sobre esse contexto da prática ilegal de prostituição: “as prostitutas eram presas e obrigadas a irem para centros de reeducação dos quais teriam que aprender ofícios considerados úteis para o partido e que fossem produtivos para o país” (p. 125). De acordo com os preceitos da FRELIMO, a mulher que estava na condição de prostituta era porque as mesmas não foram educadas. Os centros de reeducação⁹ funcionavam para “educar” a população moçambicana, principalmente as mulheres, para aprender as ideologias e ideias revolucionárias que a FRELIMO julgava como corretas.

A preocupação não parecia ser com a emancipação das mulheres, mas com o comportamento dos seus corpos. Diante do livro “*Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: Mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectivas de gênero*” (2017), ao analisarmos o texto “*Quem é prostituta? Uma análise sobre a concepção de prostituição empregada pela Operação Produção no Moçambique pós-independente*”, a historiadora, Dra. Cristiane Santana explica o sentido da Operação Produção, que visava eliminar tudo que, na concepção da FRELIMO, era tido como crime. Segundo a autora:

A operação Produção pode ser entendida como uma política que ia muito além da retirada dos ladrões, alcoólatras, drogados, desempregados e vadios dos centros das cidades, o que teoricamente não respondia ao ideal do novo homem revolucionário livre dos vícios da sociedade colonial. (SANTANA, 2017, p. 188).

As prostitutas se enquadravam nessa limpeza proporcionada pela Operação Produção, já que, após a libertação, foram divulgados pela FRELIMO quais seriam os valores da “nova” sociedade moçambicana e para as mulheres. Suas tarefas eram de formar gerações, educar, ser

⁹ Serviam para a Operação Produção, onde as pessoas que eram determinadas a estarem lá, deveriam aprender algum tipo de ofício para cumprir seu papel perante a revolução.

engajada politicamente; entretanto, continuariam com suas obrigações do lar. Segundo Cristiane Santana:

O comportamento esperado da mulher moçambicana por parte da FRELIMO entrava em choque com as solicitações feministas daquele contexto, dentre as quais podemos citar liberdade sexual, igualdade de oportunidades de trabalho, direito ao aborto, revogação de leis consideradas machistas, fim da visão da mulher como incapaz (p. 125).

Os ideais considerados emancipatórios da FRELIMO eram contraditórios para as discussões feministas do período, o corpo da mulher ainda era visto como propriedade social, todas as mulheres que estivessem com tipos de vestimentas considerados vulgar para a FRELIMO, mães solteiras, ou o aspecto de escolherem com quem ou quantos queriam se relacionar, tudo isso poderia ser considerado como prostituição.

Podemos refletir que a prostituição não era apenas voltada ao comércio do corpo, mas também ao princípio de não seguir os valores considerados centrais para os frelimistas, a família formada por um homem, mulher e filhos. Barbara Isaacmam e June Stephan também relataram que ocorriam alguns erros, onde as polícias do partido em determinadas vezes confundiam-se e acabavam agrupando pessoas que não eram consideradas alvos da Operação Produção para os centros de reeducação. Esta constatação foi refletida pela FRELIMO como um erro do policiamento e não necessariamente do partido, uma contextualização fundamentalmente contraditória, pois, como já analisamos, o discurso da OMM era de acabar com a prostituição a partir da educação. O que deixa subentendido que esses “enganos”, muitas das vezes, eram estratégias para eliminar a prática ilegal a partir da concepção da FRELIMO.

Como podemos analisar, os discursos frelimistas eram carregados de paradoxos, ao mesmo tempo em que manifestavam sua “indignação” sobre as opressões e explorações que as mulheres moçambicanas sofriam, criavam centros de reeducação, onde as mesmas precisavam aprender ofícios que fossem necessários para a sociedade que estava sendo criada. A partir do pensamento frelimistas, aprendendo afazeres domésticos, ofícios pesados, vivendo em péssimas condições, da qual a FRELIMO denominava “processo de emancipação da mulher moçambicana”.

1.2 OS PROBLEMAS DA MULHER MOÇAMBICANA DE ACORDO COM A FRELIMO

A FRELIMO se inspirava das concepções propostas por Frantz Fanon, que foi um psiquiatra e político que lutava pela libertação da Argélia. Fanon destacava que a

descolonização e a libertação eram o primeiro passo da batalha. Entretanto, o passo maior era a construção de uma sociedade totalmente revolucionária que não reproduzisse discursos ou a cultura ocidental, ou seja, uma sociedade criada com o socialismo africano sem nenhum tipo de vínculo com o colonizador, e isto apenas seria possível da mesma forma que foi a dominação europeia, com violência.

Com isso, era de suma importância que a sociedade criada em Moçambique fosse também revolucionária, sendo este o ponto chave para Samora Machel. A partir de 1973, com a criação da OMM, Samora destacava que, apenas neste período, a luta pela emancipação feminina era uma necessidade da luta pela revolução. Para Samora, antes deste período, a FRELIMO não tinha estruturas sólidas, dessa forma, atacava com palavras a organização LIFEMO por ter iniciado a batalha emancipatória no mesmo momento que a estava sendo construída as bases da FRELIMO.

Como já foi um pouco analisado na introdução, segundo Julia Monticeli Rocha, a FRELIMO tentava apagar a história da LIFEMO dos seus documentos oficiais. Portanto, para Samora Machel, apenas o DF e OMM foram organizações que realmente estavam no propósito de libertação nacional e emancipação da mulher, ambas completamente vinculadas com as concepções frelimistas.

Para criar a ideia de que as mulheres moçambicanas precisavam de uma emancipação da qual apenas a FRELIMO poderia conceder, o presidente do partido Samora Moisés Machel elaborou e disseminou diversos discursos com o objetivo de chegar a todas as mulheres do país de forma homogeneizante, com a ajuda da OMM. Neste subtópico, iremos analisar as falas do presidente e buscar compreender quais eram os principais problemas da mulher moçambicana, qual era seu inimigo, segundo Samora Machel.

O intuito do discurso era passar para as mulheres moçambicanas quais eram os seus problemas segundo a FRELIMO, e como essas mulheres poderiam passar para as próximas gerações que não estavam presentes na luta armada, quais eram as ideologias propagadas pelo partido e as organizações que deveriam seguir. A OMM tinha o papel de educar essas mulheres. Como reprodutoras, elas iriam passar adiante a educação proposta pelas organizações de acordo com suas ideias, que segundo os mesmos eram os preceitos corretos que tornariam a sociedade moçambicana emancipada e revolucionária.

No primeiro discurso voltado às mulheres, intitulado *“A libertação da mulher é uma necessidade da revolução”* (4 de março de 1973), antes mesmo de Moçambique se tornar independente, Samora Machel destacou que saber e compreender as opressões contra as mulheres deste país era considerado uma arma contra o colonialismo, por isso, era

fundamentalmente importante para a FRELIMO que todas as mulheres moçambicanas soubessem com clareza quais eram seus inimigos.

“A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza” (Samora Machel-II, Conferência da Mulher Moçambicana - 1973). Foi a partir da compreensão desse contexto que, para Samora, surgiu a questão da emancipação feminina. Partindo desse ponto, a mulher moçambicana era oprimida até mesmo pelo homem moçambicano, ou seja, Samora utilizava os conceitos marxistas para explicar que dentro da sociedade moçambicana colonizada, a mulher era oprimida e explorada.

A luta pela emancipação feminina era uma luta daquele momento, esperar pela libertação para haver esse processo de emancipação era uma opção errônea. Entretanto, as lutas assumidas pela LIFEMO eram consideradas um retrocesso para o partido. Explica-se que era nesse momento que precisavam das mulheres. Podemos assim analisar que a luta de emancipação feminina moçambicana começou a acontecer quando a FRELIMO achou que seria necessário, anulando as lutas que já vinham sendo travadas pelas mulheres, com a finalidade do tipo de sociedade que os mesmos queriam construir, e não exatamente porque a liberdade feminina era vista como importante.

O partido definir o inimigo da mulher moçambicana naquele momento era ideal para que a sociedade revolucionária pudesse de fato acontecer e um dos problemas ressaltados nesse discurso era “a ignorância da mulher”. As religiões e métodos ritualísticos das sociedades tradicionais eram considerados retrocesso para o tipo de política que os frelimistas queriam construir baseados na ciência e no sentido de progresso. Dessa forma, para estes, era com as mulheres que o sistema das sociedades tradicionais mais resistia. “*Todas as superstições, as religiões, sempre encontraram o terreno mais fértil no seio da mulher, porque está se encontrava mergulhada na maior ignorância e obscurantismo*” (A libertação da mulher é uma necessidade da revolução (Machel, [Revista tempo] 1973, s/p).

O discurso realizado por Samora Machel, denominado “A análise da situação da mulher” de 1976, um ano após a libertação de Moçambique, tinha como intenção explicar quais os problemas da mulher moçambicana e refletir sobre quais eram seus inimigos. Para a FRELIMO, a mulher precisava de educação, pois não tinha consciência e resistia com as culturas do sistema tradicional, como eram oprimidas, não tinham o mesmo desenvolvimento do homem moçambicano: “vendo que o homem tem mais consciência que a mulher, e assim

discutindo quais fatores fazem com que nessa visão a mulher seja menos desenvolvida” (Samora - 1976).

A partir desse contexto, o líder da FRELIMO buscava trilhar o caminho argumentativo, tentando explicar por meio da sua ideologia, porque as mulheres moçambicanas, na sua visão, tinham menos consciência do que os homens moçambicanos.

De acordo com Samora Machel, um dos fatores para que essa mulher não fosse desenvolvida mentalmente tanto quanto o homem era por causa da divisão sexual do trabalho. Neste discurso, Samora não deixa específico que essa divisão passou a existir após a dominação europeia. Na segunda parte da tese do historiador Valdemir Zamparoni, “*Entre narros e mulungos*”, o autor expôs um pouco das sociedades africanas antes da colonização europeia, onde os homens e as mulheres dividiam suas tarefas entre si. Após o sistema colonial, o trabalho foi deixado apenas para o gênero feminino, arrastando as mulheres para os cuidados com o lar e aumentando a responsabilidade social e econômica sob as mesmas, que daria como resultado uma ampliação de carga na repressão sexual.

O sentido de progresso e nacionalismo eram temas profundamente fortes no seio da FRELIMO. Para estes, tudo que fosse voltado ao sistema tradicional era sinônimo de atraso. Essa concepção da FRELIMO pode ser analisada juntamente com a perspectiva ocidental, o filósofo congolês V.Y Mudimbe explica que, no período colonial, havia uma grande dicotomia sobre o tradicional e o moderno, rural e urbano, costume e civilizado, tais sentidos são agrupados no discurso de Samora Machel, intitulado “*A análise da mulher moçambicana*” (1976). “O fato de existir tradições não há espaço para o progresso e por isso não há emancipação”, ou seja, o sistema tradicional nessa perspectiva era considerado um atraso para o progresso revolucionário e a emancipação feminina, pois era com as mulheres que esse “atraso” mais prevalecia.

Na continuação da sua fala, Samora Machel apresentava a OMM como um braço de apoio a todas as mulheres moçambicanas, pois os seus problemas já começavam quando nasciam. Segundo Samora, a mulher só passaria a ser respeitada quando soubesse quem eram seus pais. Mais uma vez, Samora repetia, em seu discurso *A análise da mulher moçambicana*, como especificamente em suas palavras, que a OMM era responsável pelo desenvolvimento da mulher, “pois a mulher é responsável pelas gerações”.

Em seu livro “*Paz na terra, guerra em casa*”, a socióloga moçambicana Isabel Casemiro expôs que a FRELIMO discursava contra os sistemas tradicionais e coloniais que eram opressores para as mulheres, sendo vistas apenas como meras reprodutoras, mas que dentro do partido, este discurso continuava sendo propagado. Conseguimos perceber esta fala

quando vemos que a grande preocupação da FRELIMO era porque as mulheres eram responsáveis pelas novas gerações, ou seja, encarregadas de educar os novos moçambicanos a partir do pensamento frelimistas.

Outro ponto com que foi considerado por Samora como inimigo da mulher moçambicana era seu complexo de inferioridade, que era também derivado do sistema tradicional e colonial. Barbara Isaacman e JuneStefhan destrincham, no capítulo IV do livro já citado, “*A mulher moçambicana no processo de libertação*”, que todo o problema/dificuldade encontrada nas mulheres era derivado das sociedades tradicionais ou do período colonial. O mais intrigante é que os autores que apoiavam a FRELIMO pensavam sobre o sistema tradicional de forma que abarcasse argumentos sólidos sobre tais “opressões” em que as mulheres viviam nesse período.

A prostituição, o *lobolo* e o alcoolismo eram também problemas que acarretavam a mulher moçambicana no ponto de vista de Samora Machel, todos estes que para o mesmo foram iniciados no sistema tradicional e aumentaram de nível no período colonial. Tais temas serão analisados mais profundamente nos próximos capítulos desta pesquisa.

Em 1976, Samora Machel fez outro discurso para as mulheres da OMM, este tinha o objetivo de analisar as razões da pouca eficácia da organização, com o intuito de definir o inimigo da mulher moçambicana para traçar quais estratégias poderiam ser utilizadas para o combate da “verdadeira” emancipação. No discurso “*Definir o inimigo da mulher moçambicana*”, de 1976, exibia-se a preocupação que a FRELIMO tinha com relação aos problemas da mulher moçambicana e como eles desencadeavam o combate com estratégias definidas.

A FRELIMO questionava a OMM sobre o nível maior ou não da tomada de consciência da mulher moçambicana. Este padrão, que sempre era comparado com o do homem, era o verdadeiro questionamento: se a consciência da mulher moçambicana tinha alcançado o propósito do partido, que seria igualar ao do homem moçambicano. A hierarquização do inimigo europeu ocidental também estava presente no pensamento “emancipatório” da FRELIMO.

Todo o conservadorismo, tribalismo, tradição e reacionarismo, permanece em muitas mulheres moçambicanas, contudo, isso leva ao não progresso, a mulher não leva a revolução. Os valores da mulher precisa ser para todo o país” (Samora Machel [Revista Tempo] 1976, s/p).

A emancipação da mulher moçambicana precisava ser interligada com os valores disseminados pela Frente, que seriam os mesmos da nação, sendo assim, a FRELIMO não

considerava a diversidade dentro de Moçambique, já que havia o desejo de homogeneização. Como podemos destacar, a FRELIMO e a OMM eram cheias de paradoxos, ao mesmo tempo que Samora apresentava ao povo uma OMM que abraçaria a mulher moçambicana, em outro momento ela também relata que “*A O.M.M foi criada com a intenção de investigar no seio da mulher moçambicana*”.

Essa frase do presidente do partido nos faz questionar o que exatamente a OMM buscava investigar. A organização teria sido criada para resolver os problemas das mulheres moçambicanas, entretanto, em seus documentos, percebemos as perseguições contra tudo que fosse considerado retrocesso, como por exemplo o obscurantismo que, para Samora Machel, era muito mais forte nas mulheres. Em vários dos seus discursos, alguns já citados aqui, o presidente afirmava que os homens tinham um nível maior de consciência e por isso era muito mais fácil das mulheres se perderem da revolução. Com essa frase de “investigar no seio da mulher moçambicana”, podemos considerar que a OMM também foi criada com o intuito de controlar as mulheres moçambicanas.

Partindo desse ponto e de tantos outros que já citamos neste capítulo, compreendemos que a OMM e a mulher moçambicana, mesmo estando presente na criação da organização, não possuíam autonomia, vemos, nos documentos da OMM e nos discursos de Samora, que as lutas da organização eram combates que o partido julgava como importante.

O inimigo da mulher moçambicana deveria ser o mesmo do partido. A emancipação de gênero nesse contexto era apenas o que a Frente decidia como correto, os problemas apresentados em questão das mulheres eram problemáticos da própria FRELIMO. Obviamente a estrutura do sistema colonial era opressora e explorava a mulher moçambicana, entretanto, a forma como o partido igualava o sistema colonial com o sistema tradicional tornou-se errônea. A autora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, organizadora do livro “*Epistemologia de gênero em África*” (2022), diz que “*a categorização de gênero surgiu durante o período colonial*” (Oyěwùmí, 2022, p. 25). Portanto, quando a FRELIMO comparava o período colonial com o tradicional, não expressava que a mulher sofria opressão nos dois âmbitos, e isso pode ser considerado uma imprecisão. Vejamos: “As mulheres têm facilidades em criar problemas pessoais (inimiga, briga por homens) e não conseguem sair deles. A divisão das mulheres em grupos pela idade também é um problema” (Definir o inimigo da mulher -1976).

Era importante para a FRELIMO controlar os corpos e as ideologias das mulheres, essa era a função política da OMM. Se houvesse essa dominação, as outras gerações também aprenderam o mesmo e assim as mulheres moçambicanas fariam o papel que a FRELIMO

disseminava como ideologia correta, que todos compreendessem suas concepções. Este era o valor empregado à mulher moçambicana de acordo com os discursos de Samora Machel.

1.3 OMM: ESTRATÉGIAS EMANCIPATÓRIAS

A idealização de Samora Machel para a OMM era conseguir articular todas as mulheres moçambicanas dentro do processo de revolução da sociedade. Para ele, as mulheres eram as mais oprimidas pelo seu complexo de inferioridade, por se agarrarem ao sistema tradicional e colonial. Nesse caso, o homem tinha bem mais consciência do que a mulher, por isso era fundamental ter uma organização para levar a educação a todas essas mulheres.

Um dos grandes papéis da OMM como processo organizativo feminino era tentar encorajar as mulheres moçambicanas a participarem das suas reuniões, conferências e comitês, assim, essas iriam ouvir as concepções da FRELIMO e introduzir-se na ideia de “emancipação” frelimistas. A mulher moçambicana era aquela responsável pelas próximas gerações, isso era algo que a FRELIMO, juntamente com a OMM, repetia a todo tempo. Portanto, a mulher era extremamente necessária, pois era a mesma que daria o crescimento necessário para as ideias da FRELIMO se disseminarem.

Em uma entrevista com a secretária geral da OMM, Deolinda Guezimane, em 7 de abril (S/A), intitulada “*Fazer do lar explorado uma célula de combate revolucionário*”, expressa quais eram os propósitos estratégicos da OMM para as mulheres moçambicanas a partir das suas reuniões: “para criar uma nova mentalidade é necessário assegurar a liberdade do matrimônio entre homens e mulheres para dar segurança aos jovens e as crianças” (Revista Tempo, 1976, p. 42).

O matrimônio era um grande idealizador do que deveria ser a sociedade revolucionária da FRELIMO, as mulheres precisavam estar seguras e para isso necessitavam de um homem/marido. Veremos, nos próximos capítulos, com a revista A Justiça Popular, que as tribunas criadas para a FRELIMO decidiram se deveriam conceder o divórcio ou não.

A FRELIMO encorajava as mulheres a estarem nas estruturas políticas do partido, entretanto, “raramente as mulheres da OMM eram convocadas como representantes dinamizadores, que eram responsáveis por todas as tomadas de decisões, menos as que se tratavam das mulheres, essa partia da OMM” (Barbara Isaacam e JuneSthefan. p. 31). Sendo assim, podemos perceber que, dentro do partido, as mulheres ainda tinham o papel de submissão, a sua importância era levar para outras mulheres, que ainda permaneciam resistentes, como elas deveriam se comportar. Mas, dentro do partido, a OMM não tinha

poder de influência, internamente, não eram as mulheres da OMM que estavam no topo das estruturas de poder.

Foram criados diversos projetos como estratégias para que as mulheres pudessem ingressar nas concepções do partido. Em relação à prostituição que era um problema grave para a FRELIMO, foi criado o projeto de lei da família, uma forma de oposição à prostituição e à poligamia. Dessa forma, apenas os casamentos monogâmicos eram reconhecidos por lei, ou seja, as relações conjugais precisavam ser aprovadas pelo partido, para este, essa era uma forma de emancipar a mulher, já que, de acordo com os mesmos, a poligamia oprimia as mulheres moçambicanas.

Outro fundamento estratégico era “o homem e a mulher fazendo as mesmas coisas”. No discurso “*A libertação da mulher é uma necessidade da revolução*” (1973), são citadas estratégias que a OMM deveria usar. Nele, o presidente da FRELIMO, Samora Machel, aborda essa questão: “A emancipação seria então a mulher e o homem fazendo exatamente as mesmas coisas dividirem mecanicamente as tarefas no lar. “Se hoje lavei os pratos, amanhã lavarás tu, quer estejas ou não ocupado, quer tenhas ou não tempo”. A intenção era levar para a população moçambicana a igualdade de gênero, mas como já falamos, a socióloga Isabel Casemiro relatou esses aspectos no seu livro, onde o discurso interno da FRELIMO era diferente, as mulheres estavam presentes na OMM, mas não possuíam os altos cargos e ainda pertenciam às mesmas as tarefas do lar.

A mulher emancipada não é a que bebe, a que fuma, a que usa calças e mini saias, a que se dedica à promiscuidade sexual, a que recusa ter filhos, etc. A mulher, para se libertar, deve assumir e viver criadoramente a linha política da FRELIMO”. (“*A libertação da mulher é uma necessidade da revolução*”, Samora Machel, 1973).

A mulher moçambicana emancipada seria aquela que seguiria a ideologia fremlistas e sua noção de progresso, e que vivia fielmente o que os discursos que a Frente disseminava. O sentido de emancipação da mulher moçambicana deveria ser primeiro o de libertação do seu povo. Em um país com tantas etnias e diversidades, era necessário que todas as mulheres do Norte ao Sul se enquadrassem em um único aspecto, o da FRELIMO. Para haver a emancipação, a mulher deveria estar dentro da FRELIMO, não haveria libertação da mulher sem a FRELIMO ou sem o Samora Machel, que, até os dias atuais, tem a grande representação de articulador do processo emancipatório feminino moçambicano. A voz da mulher era a voz da OMM, que na realidade era as concepções da FRELIMO.

Podemos considerar que a mais importante das estratégias frelimistas para o processo de emancipação da mulher foi a educação, que era o grande papel da OMM. Essa educação

foi usada para fins próprios, as mulheres analfabetas aprendiam a ler e escrever, entretanto, também aprendiam que o correto era pensar em como deveria se comportar na sociedade, e que o processo de progresso ou retrocesso da revolução moçambicana dependia de se as mesmas estariam seguindo tudo o que lhes foi ensinado.

A educação foi um ponto fundamentalmente estratégico para a FRELIMO disseminar sua ideologia, as mulheres passaram a ser importantes para a revolução porque os frelimistas precisavam das mesmas para que suas concepções fossem propagadas com seus filhos. Assim, nas próximas gerações, assim como afirmou a socióloga Isabel Casemiro, dentro do partido “as mulheres ainda são [seriam] vistas como reprodutoras”.

No próximo capítulo, apresentaremos mais sobre os deveres das mulheres com a família, conceitos que pincelamos aqui, como poligamia, divórcio, lobolo e tradicionalismo. Adentrando no Código da Família, entenderemos, a partir da revista A Justiça Popular, quais eram os direitos das mulheres e qual foi o papel dessa revista na propagação das concepções da FRELIMO juntamente com a OMM.

2 A VISÃO DA FRELIMO SOBRE O CÓDIGO DA FAMÍLIA E AS CONCEPÇÕES TRADICIONALISTAS ATRAVÉS DA REVISTA: A JUSTIÇA POPULAR

Nesse segundo e último capítulo da monografia, buscaremos analisar os deveres da mulher em relação à família moçambicana como eram apresentados a partir da revista A Justiça Popular. Além disso, tentaremos compreender, a partir dos casos que foram alegados nos Tribunais Distritais e expostos nos exemplares da revista, como o partido analisava e agia em relação às concepções tradicionalistas, como por exemplo nos casos de poligamia e lobolo.

Segundo a revista A Justiça Popular, em 27 de fevereiro de 1982, sete anos após a independência, a lei moçambicana sofreu o que seria para o partido uma grande “transformação”, onde houve uma determinação que entrou em vigor para serem aplicados pelas Tribunais: os princípios da Lei da família.

A ideia do Partido era que a aplicação da Lei da família se expandisse em todos os lugares de Moçambique, a execução era feita a partir das Tribunais Distritais, a população deveria seguir os princípios apresentados no Código da Família, mesmo aqueles que não possuíam um casamento do tipo que constava no regulamento, como o casamento não litigioso ou a união com poligamia. Com isso, deveriam seguir o protocolo do Código da Família e seriam levados até as Tribunais.

Como já foi analisado nesta monografia diante de alguns dos diversos discursos do líder do partido Samora Machel, a FRELIMO tinha como objetivo extinguir tudo aquilo que fosse considerado tradicional, como a poligamia e o lobolo, visto que, para os fremlistas, esses dois aspectos eram considerados de grande opressão para as mulheres moçambicanas e que foram ainda mais prejudiciais após o período de colonização. Portanto, era obrigação das mulheres da OMM expandir a educação para as mulheres, com o intuito de acabar com a poligamia e o lobolo para o “bem” das famílias moçambicanas.

A partir desses aspectos, nosso segundo capítulo se mantém dividido em subtópicos, onde, no primeiro, iremos buscar compreender como foram destacados os casos de lobolo, poligamia e divórcio nas Tribunais Distritais e como os mesmos agiam em relação a tais pontos. O segundo subtópico tem uma ligação fundamental com o que vamos discorrer no primeiro, analisando o papel da mulher na família moçambicana a partir do Código da Família; e, por último, iremos concluir com o “inimigo” da mulher moçambicana.

2.1 TRIBUNA DISTRITAL: LOBOLO, POLIGAMIA E DIVÓRCIO

De acordo com os exemplares da revista *A Justiça Popular*, as Tribunais Distritais serviam como forma de organização do governo para que as ordens estabelecidas pela FRELIMO pudessem chegar do Rovuma ao Maputo. Como já analisamos, em Moçambique existiam diversas etnias, das quais possuíam variadas formas culturais, as tradições do Norte eram distintas das do Sul. Com isso, podemos observar que as Tribunais Distritais serviam como uma maneira de controle por parte do Estado em relação às tradições de cada localidade. A FRELIMO negava as tradições moçambicanas, as quais eram consideradas retrocesso e opressoras, principalmente para as mulheres, os tradicionais rituais como o lobolo eram perseguidos por parte do partido.

Quando se analisa o lobolo como um ritual do casamento, os ocidentais costumam compará-lo com o dote que era exercido em suas comunidades tradicionais, entretanto, relacionar lobolo ao dote é considerado equívoco. O antropólogo Ruben Miguel Mário Taibo, em sua dissertação de mestrado *“Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo”*, explica que: “Lobolo, mais presente no Sul de Moçambique, trata-se de um ritual conjugal baseado na oferta de bens que simbolizam a passagem da mulher de um grupo familiar para outro” (Rubem Miguel, 2012, p. 190).

Ao analisarmos o que o antropólogo expõe, observamos dois aspectos fundamentalmente necessários para a compreensão do lobolo, o primeiro, apresentado como uma “oferta de bens”, podemos destacá-lo como uma forma econômica, basta pensarmos no continente africano antes da colonização, os casamentos não eram a base do amor romântico, alguns dos livros de História Geral da África disponibilizados pela editora UNESCO retratam este aspecto importante nos casamentos em África. Os livros relatam que, em África antiga, o amor não era a fonte principal para ocorrer um casamento, obviamente não podemos excluir o amor romântico, mas este não era um fator central.

Quando uma mulher se casava, a mesma tendia a morar com a família do marido, isso significava que a família da mulher perdia um membro que ajudava em casa, as mulheres moçambicanas geralmente ficavam por conta da agricultura, sendo assim, o alimento da casa era produzido por mulheres. O lobolo era visto como uma forma de reparar a mão de obra que foi perdida por tal grupo familiar. Além do aspecto econômico, Ruben Miguel destaca o “simbolismo”, o lobolo também era apresentado como um ritual sociocultural, quando uma

mulher não era lobolada, o casamento já começava errado, os deuses não iriam ajudar com filhos e prosperidade a família que estava sendo construída.

No primeiro exemplar da revista *A Justiça Popular*¹⁰, lançado pelo partido em 1980, a FRELIMO expressa suas opiniões em relação ao tradicionalismo em Moçambique e como tal assunto afetava as famílias moçambicanas. O relator diz que:

A prática do lobolo, os casamentos prematuros, a subordinação da mulher, no seio da família e da sociedade em geral, são graves problemas que afetam a realidade, sendo assim, contra a toda prática de crenças e costumes tribais da sociedade tradicional-feudal (*A Justiça Popular*, 1980).

Nesse primeiro exemplar, o partido buscava apresentar para a população quais eram os aspectos que precisavam ser extinguidos para que o país se tornasse verdadeiramente socialista e progressista. Os fatos destacados pela revista foram também uma forma de explicar para a população o porquê das instalações das Tribunais Distritais e que as mesmas iriam ajudá-los a resolver seus problemas familiares, especificamente, sendo uma forma de controlar a população por parte da FRELIMO.

Em todos os exemplares localizados da revista, em algum momento, o lobolo foi citado, principalmente quando o partido expressava seu descontentamento com a resistência dos ritos tradicionais, visto que, para a FRELIMO, a sociedade tradicional de Moçambique foi feudal, considerando-se um um regresso, e o lobolo fazia parte disso.

O quinto exemplar, publicado em 1982, tinha como objetivo analisar os símbolos das comunidades tradicionais, dessa forma, o partido também tinha o lobolo como símbolo, porém de opressão, onde o mesmo foi comparado com mahari¹¹ da religião islâmica, na concepção dos fremilistas, o lobolo era considerado como um simbolismo de vantagem econômica para o pai da noiva. É interessante analisar que ao expressarem essa opinião, os integrantes do partido não exploravam a economia e o símbolo do lobolo como um aspecto importante para todos os membros da família, mas, sim, como uma vantagem para o pai da noiva. Logo, faziam o uso de uma análise ocidental tentando uma ligação da cultura tradicional moçambicana com o patriarcado existente no continente europeu.

¹⁰ *A Justiça Popular* foi um dos principais veículos de comunicação da FRELIMO durante a guerra de independência, e sua importância é evidente na forma como a revista ajudou a consolidar as ideologias da FRELIMO e a galvanizar o apoio à luta pela independência. ZOPHIA, Mário. Moçambique: A Revolução da FRELIMO e o Papel da Imprensa. Editora Caminho, 2001.

¹¹ No contexto da religião islâmica, o termo Mahari (ou Mahr) refere-se a um presente obrigatório que o noivo oferece à noiva como parte do contrato de casamento islâmico (Nikah). Esse dote é uma obrigação legal e religiosa que deve ser dado à mulher no casamento, e o valor do mahr é estabelecido de comum acordo entre as partes.

Ao retornamos mais uma vez para a tese de Ruben Miguel, percebemos que o conceito de lobolo obtém uma compreensão abrangente, voltada à ordem econômica, mas também sociocultural. Disto, podemos analisar, sob as formas complexas de casamento e parentesco em África, como uma maneira de domínio social, que por muitas vezes certos elementos culturais acabam sendo estudados de maneira dicotômica, “tradicional” e “primitivo”, sendo alvos de uma linha de pensamento dita progressista.

De acordo com a FRELIMO, a sociedade colonial se apoderou das características da sociedade tradicional, como as práticas de rituais de casamentos prematuros e o lobolo, para que intensificassem a exploração ocorrida na colônia moçambicana. Isso fica explícito no quinto exemplar da Justiça Popular, onde os redatores concluem que era necessário se aprofundar nos aspectos de exploração para que pudessem avançar com o progresso e compreender a influência que essas práticas exerciam na população.

Do mesmo modo é necessário estudar de que forma a sociedade colonial-capitalista se apoderou das características feudais negativas do direito tradicional e bloqueou o progressivo desenvolvimento dos seus aspectos populares Positivos; tendo em conta que, hoje em dia, as suas práticas e valores ainda exercem uma grande influência na população (Revista A Justiça Popular, 1982).

Para a FRELIMO, além das sociedades tradicionais explorarem as mulheres com o lobolo, ainda no período colonial, o ritual era importante para a economia, isso porque, de acordo com o autor Ruben Miguel e também a autora Jacimara Souza, muitos dos homens moçambicanos iam para as minas na África do Sul para conseguirem pagar pelo lobolo, que teve um crescimento no custo em níveis absurdos. Diante disso podemos perceber que as concepções da FRELIMO perante o ritual do lobolo não foram fundamentalmente analisadas.

No quinto exemplar da Revista A Justiça popular, houve uma comparação do lobolo como uma forma de opressão às mulheres, algo que já era visível nos discursos de Samora Machel quando o próprio apresentava o que causava o regresso a Moçambique, e a sociedade tradicional entrava nesse aspecto juntamente com o lobolo. Além disso, o partido afirmou que o ritual se intensificou com a presença dos colonizadores, entretanto, os fremilistas não buscavam uma análise mais aprofundada dos aspectos, podemos compreender com nitidez que há diferenças no ritual nos dois períodos citados.

Para a sociedade tradicional, o lobolo foi uma forma social, onde envolvia a economia devido a perda do membro familiar, possuindo também um valor simbólico para a construção da família. Assim, mulheres que não eram loboladas poderiam ser consideradas como mal presságio. Já para os portugueses, o ritual era uma característica importante para o avanço da colonização, mas a população continuava com o ritual por ser considerado sociocultural.

Conforme a historiadora Jacimara Souza, as feministas ocidentais tinham uma visão de patriarcado para com as sociedades tradicionais em África, mesma visão que os fremlistas possuíam. Esta foi, por muito tempo, discutida como central, uma visão da qual o patriarcado era universal, como se todas as sociedades existentes fossem como a antiga Europa, logo, um pensamento eurocêntrico. Por isso, analisar as relações de gênero no continente africano no âmbito ocidental requer bastante cuidado para não correr o risco de comparar as sociedades.

Um outro aspecto fundamental da sociedade tradicional destacado pela FRELIMO foi a poligamia, que também se tornou alvo do partido. Vista como símbolo da opressão sofrida pelas mulheres, esta estava sempre em pauta na OMM e nos exemplares da Justiça Popular. A poligamia era considerada importante para a família moçambicana, pois cada membro de um grupo tinha seu papel no seio da família. De acordo com a socióloga Oyèrónkẹ Oyěwumi¹², escritora do livro *Invenção das mulheres*, a poligamia não era uma opressão para as mulheres, já que várias do gênero em uma única família beneficiava as mesmas em relação às produções de alimentos para os membros.

Em 1980, o primeiro exemplar da revista A Justiça Popular apresentava a população aos primeiros casos de poligamia, onde os moçambicanos buscavam uma tentativa de resolução nas Tribunais. No caso número quatro, intitulado “*Meu marido não me trata bem, casou-se com outra mulher*”, não foram citados os nomes dos sujeitos, entretanto, a revista buscou explicar como ocorreu. A esposa levou a situação até a Tribuna, e se queixou que o companheiro não estava cumprindo seus deveres de marido e, possivelmente, tinha uma outra esposa; a tribuna resolveu a conjuntura de forma simples, a esposa obteve o divórcio, pois, os frelimistas alegaram que a mesma era uma mulher emancipada pelo partido e não deveria ser explorada.

Em outro caso, de número seis, foi o homem quem queria o divórcio, alegando que sua esposa tinha outros homens, mas o tribunal não o concedeu. O caso sete teve um mecanismo de resolução mais complexo, nesta situação, a esposa levou o marido até o tribunal, onde houve a alegação que seu companheiro obtinha uma segunda esposa, o tribunal não propôs o divórcio para este casal, o homem teve que separar da segunda mulher e continuar com a primeira, a segunda esposa ficaria solteira, pois os dois não estavam cumprindo com os preceitos da revolução, da qual tinha como objetivo, dentro do Código da Família, a manutenção da família moçambicana, neste caso, o homem, a mulher e seus filhos.

¹² O livro *A invenção das mulheres* foi baseado nas sociedades ioruba, em busca de não correr o risco de estarmos cometendo uma homogeneização dos povos africanos, a utilização do livro como referência é baseada em uma probabilidade de como podemos tentar analisar a poligamia sem os conceitos ocidentais.

É fundamental analisar as diferenças das resoluções dos casos. No primeiro, temos uma mulher que ganha o divórcio por ser considerada emancipada, não por si, mas pelo partido; já nos dois últimos, não há a separação; no caso seis, não temos muitas informações, mas no sete, o homem continuou com sua primeira família, então, não houve em si uma punição para o mesmo, mas a segunda esposa ficou solteira novamente, sem o esposo, que para a FRELIMO seria a proteção da mesma. Ou seja, todos os aspectos que o partido julgava como problema das mulheres poderia recair para essa segunda esposa, mas a mesma não teve outra opção.

Neste caso de número sete, não foi citado se haviam filhos, mas outra situação que foi exposta, de número onze, também com poligamia, a sentença foi um pouco diferente, mas levanta questionamentos, o homem ficaria com a primeira esposa, mas em relação à segunda esposa que tinha filhos, o homem deveria construir uma casa para seus filhos, mas não foi citado se ele deveria ou não participar da educação das crianças como pai ou ampará-los juntamente com as mulheres de alguma forma, apenas com a construção da casa.

Quando analisamos os discursos do presidente Samora Machel, no primeiro capítulo desta monografia, compreendemos que a ideia de educação era uma base para a emancipação feminina, segundo o que a FRELIMO pensava. A partir disso, podemos entender que o interesse do partido em relação à educação feminina de Moçambique era intencional para com o país, para que as mulheres como reprodutoras e educadoras passassem a ideologia fremilista à frente.

Ao verificarmos esses casos, essas questões ficam explícitas, mesmo não tendo uma confirmação direta, em todas as análises feitas com as fontes, não havia nenhuma citação ou resolução sobre as crianças. Podemos pensar em hipóteses diante do que possuímos: a família era exposta como a base principal da revolução moçambicana, e o papel de educar essa família e levá-la ao caminho da Revolução era da mulher moçambicana; sua emancipação não era exatamente sua, mas a ideia era que as mulheres estivessem atrás da família revolucionária, sendo a base, o pescoço, e o homem a cabeça. Entretanto, a família que a FRELIMO buscava proteger e ser o alicerce dessa revolução era apenas a primeira. A partir desses casos, notamos isso quando não foram citados como ficaram as segundas esposas, já que a poligamia era profundamente criticada e, no caso, essas mulheres não tinham importância, pois não estariam à vista.

O caso de número doze consegue ser ainda mais interessante para pensarmos as concepções da FRELIMO em relação à família. Nesta situação, o marido, que já tinha uma esposa, casou-se com a segunda em outra cidade, a resolução do caso foi o divórcio com a

segunda esposa. Não houve nenhuma sentença para o marido, que continuou com o seu papel de esposo com a primeira família, já a segunda esposa foi sentenciada a passar pelo centro de reeducação¹³ na aldeia. Segundo a FRELIMO, essa era uma medida para tentar educar a população para o bem da sociedade, assim a pessoa deveria retornar apenas quando tivesse aprendido algum ofício e adquirido os novos pensamentos revolucionários.

Um questionamento fundamental a esses casos apresentados pode ser ligado a como ficaram os filhos citados, como as segundas esposas iriam lidar com o fim das suas famílias pelos partidos, já que a poligamia era muito comum nas sociedades tradicionais, não sendo voltada à opressão feminina. Entretanto, com a colonização, erigiu-se o patriarcado, que continua com a perseguição da FRELIMO perante o rito supracitado.

Outrossim, é bastante oportuno analisar as sentenças, em principal, a do último caso destacado, quando apenas a mulher foi determinada ir para o centro de reeducação. Essa visão central de que a “emancipação” pensada pela FRELIMO, ao mesmo tempo de concepção ocidental, mostrou-se baseada em concepções colonizadoras, embora aparentemente diversificadas.

Esses foram relatos presentes em apenas um exemplar da revista. Nos que os relatores destacaram seguiram uma sequência de poligamia e divórcio do marido com a segunda esposa, apenas em um dos, o marido obteve a sentença do centro de reeducação juntamente com a segunda esposa. Todavia, não temos informações sobre as fontes acerca de quais foram os motivos para que o mesmo também fosse sentenciado, mas se compararmos as situações que foram expostas no tribunal, podemos levantar algumas hipóteses, por exemplo: o marido pode ter questionado a decisão do partido e tentado permanecer com a segunda esposa. Não temos a resposta correta, mas sabemos que o marido precisou perdurar por vinte dias nos centros de reeducação, enquanto a segunda esposa recebeu uma sentença com mais de trinta dias.

Como a família conservadora era base para a FRELIMO, as mulheres tinham o papel de fazer a manutenção dessa família, o divórcio era considerado como a segunda opção para as resoluções dos casos. Analisando os exemplares da Justiça Popular, observamos que a ideia da FRELIMO era que as famílias permanecessem unidas pelo bem do nacionalismo do país, foram apresentadas algumas informações sobre a quantidade de casamentos que estavam ocorrendo em Moçambique naquele momento, e a intenção era que os matrimônios fossem na

¹³ No livro de Barbara Isaacman e June Stehman, os centros de reeducação são poucos citados, mas percebemos que eles serviam também para a Operação Produção, onde as pessoas que eram determinadas a estarem lá, deveriam aprender algum tipo de ofício para cumprir seu papel perante a revolução.

igreja, justamente para obterem esse controle e também uma maneira de diminuir os casos de poligamia, sendo até mesmo uma tentativa de extingui-los.

A sociedade tradicional era vista como feudal pelo partido, portanto, para estes, tudo que fosse pertencente ao tradicional era tido como retrocesso e poderia destruir a família moçambicana, por isso era extremamente importante que as mulheres fossem educadas, já que, para a FRELIMO, elas eram a base de suas famílias. Ao pensarmos nesse papel das mulheres e da família que a FRELIMO desenvolveu com mais firmeza após a independência, tentaremos compreender qual era o papel da mulher no seio da família moçambicana. Para seguirmos com essa busca, vamos analisar, no próximo subtópico, trechos do Código da Família criado pelo partido e apresentados nos últimos exemplares da Justiça Popular.

2.2 O CÓDIGO DA FAMÍLIA: PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA MOÇAMBICANA

A mulher moçambicana era conceituada como uma parte fundamentalmente importante para a revolução da sociedade moçambicana no final da luta por emancipação no pós-independência. No primeiro capítulo, vimos alguns dos discursos de Samora Machel destinados às mulheres da OMM, onde ele retratava como a mulher moçambicana era indispensável no momento da revolução dentro do partido e no período pós-colonial. Entretanto, podemos analisar algumas controvérsias nesse aspecto de importância, as mulheres moçambicanas eram realmente tão importantes assim para a FRELIMO? E em qual sentido?

Em todos os exemplares da revista A Justiça Popular, o discurso sobre o modelo da família moçambicana aparece nos textos. Nos exemplares 8 e 9 do ano de 1984, foram abordadas algumas prioridades para o projeto de Lei da Família. De acordo com a FRELIMO, nesse aspecto, podemos analisar que não necessariamente foi obtida uma pauta que se concentrasse na mulher moçambicana, mas, sim, voltada à família, assim como o hino do 7 de abril, a relação entre mulher e família era apenas uma.

Podemos perceber que a maior importância para a FRELIMO nesse caso era a família, e como ela seria constituída, as mulheres eram sim importantes, principalmente porque, de acordo com o partido, a constituição da família pendia mais para a mulher moçambicana do que o homem moçambicano. Um forte exemplo disso foram alguns inquéritos da OMM¹⁴ para

¹⁴ Os inquéritos formavam algumas entrevistas em que a OMM fez para a celebração do dia da Mulher Moçambicana, o 7 de abril. Nos documentos algumas mulheres que não participavam ativamente da OMM

o dia 07 de abril, nesses documentos não constam o ano em específico, mas ao ler, podemos analisar que se tratava de uma celebração à data. Nesse documento de nome “*Na luta da mulher operária*”, foram realizadas algumas entrevistas com umas mulheres, e todas elas apresentaram as dificuldades em ser mães solteiras, que o fato de não possuírem um casamento era o grande problema para elas e seus filhos.

Em um dia que se comemora o Dia Da Mulher Moçambicana, a celebração era entrevista com mulheres solteiras para mostrar aos moçambicanos que a maior dificuldade dessas mulheres era não serem casadas, e esse foi um dos aspectos mais tocados pelo partido tanto na OMM quanto na Justiça Popular, a família e as mulheres como um só, basicamente as responsáveis pela constituição desse lar. Dessa maneira, podemos também analisar os exemplares 8 e 9 da revista, quando foi citado, no artigo 29, que se tratava da constituição da República moçambicana, onde foi mencionado no último parágrafo: “- o estado protege o casamento, a família, a maternidade e a infância”. Nesse caso, as mulheres entrariam no aspecto da família, sendo elas mulheres que fossem casadas ou mães, mas não encontramos nenhuma menção às mulheres como indivíduos.

Além disso, nesses mesmos exemplares, podemos analisar que, para que as mulheres não fossem confundidas com prostitutas, muitas delas recorriam ao casamento registrado. “Muitas mulheres casaram-se oficialmente porque queriam obter a documentação que provasse que não eram prostitutas (...)” (A Justiça Popular, 1984, s/p). Ademais, ao explorar esses exemplares e também os documentos da OMM, percebemos que o casamento servia como uma tentativa de garantir algum tipo de segurança que fosse de cunho financeiro, ou até mesmo para que não fossem confundidas com as prostitutas e levadas para campos de reeducação. “Neste contexto, há uma tendência por parte das mulheres de quer a sua certidão como garantia de segurança para o futuro, enquanto os homens veem-na como entrave de sua liberdade” (A Justiça Popular, 1984, s/p). Ainda relacionando essa mescla entre casamento, família e mulheres, observamos que a visão da FRELIMO no contexto de casamento e família foi uma perspectiva calcada no aspecto ocidental, as mulheres buscavam garantia em um casamento, enquanto os homens o viam como uma prisão.

Nos discursos do líder político Samora Machel, eram apresentadas as maneiras pelas quais as mulheres moçambicanas eram importantes, primeiro devemos lembrar que o partido da FRELIMO se intitulava comunista. No início desta monografia, falamos um pouco sobre essa questão, mas um dos pontos sobre o comunismo é a união da classe trabalhadora para o

foram entrevistadas para falar o que achavam da nova forma de organização das mulheres e como as mesmas deveriam se comportar.

extermínio das classe. Ou seja, no mundo comunista não haveria mais classe, dentro disso, precisamos analisar, também, que quando Moçambique se torna independente, as dificuldades econômicas crescem em um nível elevado.

Com isso, quando observamos os discursos de Samora Machel, onde o mesmo proferia a necessidade de que as mulheres não ficassem apenas no âmbito familiar e pudessem trabalhar fora, não podemos ver isso apenas como uma tentativa de construção justa e igualitária entre gêneros, percebendo também que, em nenhum dos seus discursos, foi totalmente voltado para o gênero feminino, mas, sim, para aquelas que eram casadas. Ou seja, essas mulheres podiam ajudar a sociedade moçambicana trabalhando fora, entretanto, elas também estariam em casa, essas mulheres eram o alicerce da família, de acordo com a FRELIMO.

Com isso, percebemos que a mulher obtinha uma grande tarefa dentro da revolução da sociedade moçambicana pelo simples fato de ser mãe. Não por ser uma mulher, como um indivíduo, mas aquela que, presa pela constituição da sua família, remetia semelhanças com o mito criado da imagem de Josina Machel. Além disso, para a FRELIMO, as mulheres eram “surdas” em meio à sociedade, estavam de olhos fechados e precisavam de uma “consciência” que apenas seria encontrada com a OMM, por isso havia um grande incentivo para que essas mulheres participassem ativamente dentro da organização. “A OMM tem como papel encorajar as mulheres a participarem de reuniões, comitês, para não permanecerem surdas em meio a sociedade” (Revista Tempo, 1976, p. 42).

2.3. O INIMIGO DA MULHER MOÇAMBICANA

Diante de todas as questões sobre emancipação das mulheres moçambicanas que foram apresentadas nesta monografia, de acordo com a ideologia da FRELIMO, já analisamos alguns aspectos que respaldaram o que seria tal antagonista para as mulheres em Moçambique. Assim, por fim, gostaríamos de agrupar todos os pontos que já foram salientados nesta pesquisa.

Nos discursos de Samora Machel, que foram pautados para o gênero feminino e na maioria dos documentos da OMM dos quais conseguimos analisar, praticamente todos falavam sobre o “inimigo” da mulher moçambicana, que para a mesma tomar consciência dos seus direitos e deveres, era de estima importância que soubessem a quem ou o que deveria combater.

Em um dos documentos da OMM, em que o líder Samora Machel discursava, diz-se que as mulheres que estavam naquela reunião precisavam se aprofundar nos seus inimigos, pois, sem tal ciência, elas não conseguiriam combater e ajudar na revolução da sociedade.

Em alguns momentos, como o citado acima, esse inimigo da mulher moçambicana era tido como um enigma, sempre citado, mas não era destrinchado qual realmente era esse combate, mas, em outros documentos, observamos falas que diziam especificamente com o que as mulheres precisariam lutar contra para conseguir sua emancipação de acordo com a FRELIMO: “Foi constatado que o inimigo da mulher continua a ser o sistema tradicional-feudal e colonial-capitalista” (documento da OMM)”. Esse foi um aspecto que já discutimos no início desta monografia, mas ainda é interessante recapitular que a sociedade tradicional era tida como um sistema feudal e, muitas das vezes, considerada fascista pela FRELIMO, uma linha de pensamento extremamente ocidental e colonizada do partido.

Para os fremilistas, os dois períodos, sociedade tradicional e sociedade colonial-capitalista, eram os principais inimigos da mulher moçambicana, isso porque o sistema tradicional, diferente do considerado feudalismo europeu, tinha alguns ritos, como já destacamos acima. A exemplo, a poligamia, que dentro da literatura do livro da escritora Paulina Chizane, “*Nikethe; uma história de poligamia*”, 2001, nos apresenta a poligamia de uma forma totalmente dissemelhante com o nosso conceito de poligamia ocidental. Para algumas mulheres, principalmente as primeiras, a poligamia era considerada uma vantagem, além desse ponto, o lobolo também, como abordamos no tópico anterior.

A FRELIMO via no sistema tradicional uma espécie de patriarcado, assim como ocorria nos países ocidentais, algo que já trabalhamos no subtópico anterior com as referências da autora Oyèrónkẹ Oyěwùmí, onde a mesma nos apresenta a Nigéria, que obviamente não devemos explorar com se todas as sociedades do continente africano tivessem as mesmas semelhanças em suas construções sociais, mas que podemos usar como um exercício de análise um tanto menos ocidentalizado. Portanto, esse patriarcado que oprimia as mulheres dentro do sistema tradicional era conceituado pela FRELIMO da mesma forma que as sociedades europeias.

Já o outro inimigo, o sistema colonial capitalista, que obtinha como base a opressão e a exploração, era tido como um ponto crítico, do qual habituavam a população moçambicana em condições altamente desfavoráveis com sua opressão, sendo ainda pior com as mulheres, pois essas eram colocadas em condições de marginalização e precariedade econômica. A linha ideológica da FRELIMO era considerada pelos mesmos primas da aniquilação das classes, ou seja, voltada para uma linha marxista no período do Stalinismo, por isso, esse sistema era

visto como um inimigo para mulher, pois, mesmo que a exploração fosse para toda classe trabalhadora, ainda assim era muito pior para o gênero feminino.

Com estratégia para enfrentar esses inimigos, a FRELIMO buscava na OMM, como seu braço de apoio ao gênero feminino, uma linha de educação para essas mulheres.

A tarefa principal para atingirmos o objetivo estratégico, compreende três aspectos fundamentais: a luta pela produção, a luta de classes e a luta pela aquisição de conhecimentos científicos. A libertação da mulher só é possível e efetiva na sociedade socialista (Revista Tempo, 1976, s/p).

Era um papel importante que as mulheres estivessem engajadas na luta desenhada pela FRELIMO e que fossem ativas dentro da OMM. Além disso, a educação de formação para essas mulheres precisava ser dentro do partido, isso porque os fremilistas as viam como analfabetas politicamente, já que, para os mesmos, a educação que as meninas moçambicanas tinham quando criança era pautada nos preceitos tradicionais. “O grande problema da educação discriminatória que era dada as mulheres na sociedade tradicional e que foi agravada pela discriminação racial, social e de sexo que o sistema colonial lhe impôs” (Revista Tempo, 1976, s/p).

Dessa forma, com base na citação acima, a FRELIMO julgava a educação tradicional como uma inimiga das mulheres, pois, não teria lhes dado a consciência que o partido entendia como correta. Os fremilistas faziam uma relação da sociedade tradicional moçambicana com as sociedades europeias feudalistas que propagavam o patriarcado. Nesse caso, se as mulheres faziam práticas consideradas obscurantistas, como julgavam os tribunais distritais da revista A Justiça Popular, era uma culpa da educação tradicional que faziam com que as mulheres regredissem, portanto, era papel das mulheres das OMM ensinar uma educação ideológica da FRELIMO para as outras mulheres que, de adesão com o partido, não possuíam consciência das bases sociais dos mesmos.

Ademais, outros problemas que podemos destacar com essa concepção de inimigo da mulher moçambicana foram as pautas estabelecidas pela FRELIMO para comparar as mulheres moçambicanas com as demais mulheres, de modo internacional: “a luta da mulher moçambicana é uma luta de todas as mulheres do mundo, portanto uma luta internacionalista” (Revista Tempo, 1976, s/p). Entretanto, as mulheres moçambicanas tinham pautas diferentes, primeiro porque sua base tradicional não era relacionada sobre o patriarcado das sociedades ocidentais, e o segundo motivo é que as mulheres moçambicanas passaram por um sistema de exploração colonial diferente do dos países europeus.

Contudo, podemos observar que o inimigo da mulher moçambicana era o inimigo do partido da FRELIMO, pois a colonização e o patriarcado invadiram a colônia moçambicana junto com a cultura ocidental. Mas, também, observamos que houve muita resistência com os ritos tradicionais, que em sua maioria continuaram existindo. As mulheres moçambicanas eram exploradas e o sistema colonial apresentava uma desigualdade de gênero, mas as pautas em que a FRELIMO relacionava com as mulheres eram enumeradas em base de constituição familiar, educação para levar as ideologias frelimistas aos seus filhos, e a ideia de um imaginário de uma mulher moçambicana ideal, não como um indivíduo, mas como uma base familiar.

CONCLUSÃO

Os argumentos apresentados nesta monografia sobre as concepções de emancipação da mulher moçambicana buscaram refletir sobre o conceito de liberdade de gênero do ponto de vista da FRELIMO e qual era o tipo de emancipação que fora proposto pelo partido. Observamos que a ideia de liberdade, segundo os preceitos frelimistas, era tida como se a mesma apenas ocorreria caso essas mulheres aderissem ao pensamento político da FRELIMO. Em suma, os problemas aos quais as mulheres foram relacionadas, na sua maioria, eram empenhados ou construções ideológicas do próprio partido.

Como por exemplo, quando citamos a sociedade tradicional e a concepção de que o patriarcado sempre existiu em Moçambique, essa foi uma problemática criada pelos próprios ocidentais, da qual a FRELIMO buscou levar adiante, tendo também um olhar colonizador pela própria sociedade. Os ritos em que as mulheres eram vistas como oprimidas, na realidade, era um olhar ocidentalizado do partido. Com isso, observamos que, em sua maioria, os problemas das mulheres em que Samora Machel discorria em seus discursos, e que as mulheres que organizavam a OMM retratavam, eram aspectos que os mesmos viam como problema.

Já na sociedade colonial capitalista, as mulheres moçambicanas tinham problemas de exploração e opressão, mas o partido as retratava também como inferiores de consciência por não terem uma educação pautada nos seus preceitos. Além disso, essa falta de consciência

descrita pelo partido era as mulheres tendo uma visão de liberdade igual à da FRELIMO, por isso as mulheres da LIFEMO foram marginalizadas pelo partido e tiveram suas histórias diversas vezes inviabilizadas tanto pela OMM quanto pelo líder Samora Machel.

As perspectivas de emancipação que foram dialogadas pela FRELIMO eram uma ideia de simbolismo junto com o imaginário que criaram de Josina Machel. Não vemos nesses documentos pautas para o gênero feminino como indivíduos, analisamos problemáticas que o partido criou para sua ideia de sociedade sem classe. Mesmo com a iniciativa fundamentalmente importante em falar sobre as mulheres moçambicanas antes mesmo da independência colonial, no fim, o que o partido falava era sobre a família, a relação mulher, mãe e família, algo extremamente presente nas análises das três fontes que usamos.

A tarefa de levar a educação para as mulheres foi um aspecto que podemos analisar com dois lados, o primeiro que a maioria da população feminina em Moçambique era analfabeta, e o incentivo de aprender a ler, escrever e ainda serem engajadas politicamente pode ser visto como uma perspectiva de liberdade. Entretanto, quando falamos da educação proposta pela FRELIMO, temos que nos atentar que foi uma educação pautada nos seus preceitos e pensamentos políticos, portanto não foi uma educação libertadora, mas, sim, uma fonte de dominação.

Outro problema que buscamos refletir nesta monografia foi as mulheres solteiras e mães solteiras terem sido vistas como antagonistas para outras mulheres que fossem casadas. A segurança social dessas mulheres era relacionada ao casamento, e havia um grande incentivo para que esse casamento fosse feito da forma que a FRELIMO achava correta a partir dos registros. Ou seja, os casamentos que foram realizados de forma ritualística tradicional não eram considerados pelos tribunais distritais, e perspectivas de emancipação eram pautadas no casamento. No Código da Família, o qual analisamos no segundo capítulo, não houve um artigo relacionado a mulher como um indivíduo sem a família moçambicana.

Por fim, esta monografia buscou analisar mais profundamente se a emancipação que a FRELIMO propusera era realmente para o gênero feminino, se o inimigo da mulher moçambicana era seu inimigo, ou uma forma de dominação do partido para com o gênero. Acreditamos que esta pesquisa pode abrir portas para analisarmos mais a fundo os estudos de gênero dentro do partido da FRELIMO e também o seu braço como a OMM, analisando como essas mulheres eram representadas e se havia uma linha de pensamento de emancipação da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação**. 1. ed. [Cidade]: [Editora], 1995.
- CAHEN, Michel. (1985). *État et pouvoir populaire dans le Mozambique indépendant*. Politique Africaine, 19: p 195-240.
- CASIMIRO, I. M. **Paz na terra, guerra em casa**. Editora UFPE, 2014.
- CULLER, Jonathan. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DARCH, Colin. intitulado: Bem-vindo à história de Moçambique. **Moçambique História Net**, 2010. Disponível em: <www.mozambiquehistory.net>.
- GOMES, P. G.; FURTADO, C. A. **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectivas de gênero**. EDUFBA, 2017.
- ISAACMAM, Bárbara; STEFHAN, June. **A mulher moçambicana no processo de libertação**. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1984.
- MARTINS, Licínio. **A virgem Margarida**. [Filme]. Angola: O Filme, 2012. AZEVEDO, Licínio (direção). Virgem margarida. 2012.
- MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Nascimento, Wanderson Flor do. - 1. Ed. - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Gender Epistemologies. In: **África: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions and Identities**. Nova Iorque: Palgrave. 2011.
- ROCHA, J. T. M. **Guerra, substantivo feminino: o movimento internacional das mulheres da frente de libertação de Moçambique (FRELIMO) (1962-1973) - 2023**. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em História, PUCRS.
- SANTANA, Jacimara Souza. **Médicas-Sacerdotisas: Religiosidades Ancestrais e Contestação ao Sul de Moçambique (c. 1927 – 1988)**.
- ZAMPARONI, V. D. **Entre Narros & Mulungos: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques - 1890-1940**. Tese de Doutorado em História, FFLCH/USP, São Paulo, 1998.
- ZOPHIA, Mário. **Moçambique: A Revolução da FRELIMO e o Papel da Imprensa**. Editora Caminho, 2001.